

## AGRICULTORES E CERAMISTAS DA ÁREA DE SÃO RAIMUNDO NONATO\*

SILVIA MARANCA  
Museu Paulista da Universidade de São Paulo

O programa de pesquisas que se desenvolve na área arqueológica de São Raimundo Nonato compreende vários sub-projetos englobando as diferentes disciplinas envolvidas. No que concerne a pré-história, três sub-projetos estão atualmente em desenvolvimento, sendo que um deles, referente à pesquisa sobre as populações mais recentes de agricultores e/ou ceramistas, está sob minha direção.

Se, durante o período compreendido entre 1976 e 1986, o esforço principal da equipe foi consagrado ao trabalho nos sítios de pintura rupestre dos caçadores-coletores, nos anos iniciais do programa (1973-1974) os sítios escavados foram unicamente aldeias e sepultamentos de povos ceramistas. Em 1980, 1981, 1984, 1986 e 1987 voltou-se a praticar escavações e sondagens em sítios de aldeias ceramistas no intuito de retomar o estudo desses povos, com afinco, a fim de obter a seqüência crono-cultural recente da área.

Assim sendo, já dispomos de muitos dados sobre o povoamento do sudeste do Piauí durante o Holoceno final e podemos fazer aqui uma breve síntese. Para mais detalhes o leitor poderá consultar os artigos já publicados que tratam das escavações realizadas em 1973 e 1974 (MARANCA 1976a; 1976b; 1977; MARANCA e MEGGERS, 1980; VILHENA DE MORAIS 1976; GUIDON 1976).

Antes de iniciar a descrição dos resultados já alcançados, quero salientar que foi apoiada nos dados obtidos que estabeleci a programação do sub-projeto consagrado aos agricultores e ceramistas. Levantei inicialmente uma série de problemas conceituais e metodológicos e foi com base neles que estruturei o programa de pesquisas. Os problemas principais que foram enfocados são:

- o conceito de nomadismo e sedentarismo;
- tipo de sítios e as relações tipo de sítio/padrão de ocupação do espaço e tipo de sítio/tipo de ação desenvolvida no mesmo;
- estabelecimento do complexo espacial relativo de cada um dos sítios-aldeias;
- estabelecimento dos tecno-complexos e dos padrões sócio-econômicos;
- relações entre o aparecimento da cerâmica e o desenvolvimento da agricultura: povos agricultores e povos ceramistas ou povos agricultores-ceramistas?;
- potencialidade dos ecossistemas, agricultura e complexidade social;
- a problemática da origem, evolução e migração de traços culturais e técnicos e sua importância para a compreensão do povoamento de uma área.

Tendo estabelecido a conceituação e definida a terminologia, foi-me possível estruturar o programa de modo a poder obter os dados necessários para a elaboração dos problemas expostos.

Em 1973 foram escavados os seguintes sítios: Aldeia da Queimada Nova (MARANCA 1976b; 1977; MARANCA e MEGGERS 1980; VILHENA DE MORAIS 1976), Enterramentos do Limpo Grande (GUIDON, 1976), Aldeia do Barreirinho (GUIDON 1978) e a Toca do Congo I (MARANCA 1976a); em 1974 foram escavados enterramentos em São Braz. Os sítios Toca do Pitombi e Toca do Morcego foram sondados em 1980 e em 1981 novas escavações foram realizadas na Toca do Congo I e praticadas sondagens na Toca do Arapuá do Congo. Em 1984 uma nova área da Aldeia do Barreirinho foi escavada enquanto que em 1986 uma sondagem foi realizada na Toca do Pinga do Boi e, finalmente, em 1988 outra sondagem explorou a Aldeia do Baixão da Serra Nova. Dispomos, portanto, de dados provenientes da análise dos vestígios desses dez sítios; para cinco deles já obtivemos datações<sup>14</sup>C.

Os primeiros ceramistas apareceram na região de São Raimundo Nonato, por volta de 3.000 anos BP e nós pudemos acompanhá-los até 420 anos BP, o que possibilita a reconstituição parcial do aparecimento dos grupos recentes, sua evolução e sua expansão regional.

As aldeias são grandes, circulares, com cerca de 11 casas de forma elíptica dispostas no perímetro do círculo. Essas casas têm um tamanho que varia mas que se situa entre 20 m por 12 m; fora das mesmas, voltadas para o espaço exterior à aldeia, se encontravam as fogueiras estruturadas, isto é, verdadeiros fogões constituídos por 2, 3 ou 4 pedras de trempe. No interior do círculo encontram-se duas ou quatro casas menores, de forma circular que deviam corresponder a atividades específicas, talvez ligadas à cerimoniais. É também no centro do círculo da aldeia que se trabalhava a pedra.

A cerâmica encontrada repete, em alguns casos, formas de decoração já descritas na literatura especializada: corrugada, unguilada, escovada, incisa, pintada (engobio branco e desenhos geométricos em vermelho e preto) entretanto aparecem padrões de decoração completamente diferentes (pranchas de cerâmica decorada). Mesmo quando a decoração é aquela já conhecida, temos diferenças no que concerne a forma dos vasos e à técnica de manufatura. Por exemplo, certas peças pintadas são extremamente finas, tendo paredes de 3 mm e seu polimento e cocção são perfeitos. Além de vasilhas de várias formas e tamanhos, aparecem também cachimbos de barro cozido. Se alguns autores classificam essas cerâmicas, sem hesitação, na tradição tupi-guarani, alguns colegas manifestam dúvidas quanto à essa filiação e preferem aguardar mais dados para se pronunciar.

Nas aldeias encontram-se também abundante indústria lítica, tanto em pedra lascada como polida. Entre o material de pedra lascada temos grande quantidade de lascas não retocadas, alguns raspadores, lascas retocadas e facas. Alguns machados bifaciais lascados mostram uma excelente técnica de preparo, debtagem e reloque. As peças polidas são machados, inclusive do tipo âncora, discos perfurados e tembetás feitos de pedras semi-preciosas. As matérias-primas mais utilizadas são o quartzo e o quartzito, mas algumas peças são também feitas em xisto, calcedônia e sílex. Na aldeia do Baixão da Serra Nova encontramos um núcleo e uma lasca de obsidiana, matéria rara na região; ignoramos completamente onde poderia se situar a mina de origem e estamos esperando os resultados de uma prospecção que deverá ser feita pelo geomorfólogo da equipe.

Os hábitos funerários dessas populações mostram uma importante diversificação que é, em alguns casos, o reflexo de uma diferença cultural e em outros o resultado de uma evolução temporal.

Em alguns sítios os enterramentos foram feitos em urnas funerárias (pranchas das urnas dos sítios Toca do Congo e Limpo Grande) enterradas dentro do recinto da aldeia; no caso da Aldeia da Queimada Nova, nós não encontramos urnas durante a escavação, mas o proprietário nos relatou ter retirado urnas na parte central do círculo. Essas urnas, algumas decoradas, outras lisas, tinham a boca coberta por uma vasilha que servia de tampa. Como estavam quebradas, os ossos tinham praticamente desaparecido em razão do intemperismo, mas foi possível encontrar-se dentes e alguns resquícios de material ósseo.

A Toca do Congo I é um sítio extremamente importante para a compreensão da vida destes povos e deve ser escavado totalmente no decorrer de 1988. Neste abrigo foram já retirados 9 sepultamentos, sendo 4 em urnas funerárias e 5 em fossas na terra. O abrigo foi também um local de acampamento, pois encontramos abundante cerâmica utilitária, utensílios em pedra lascada e polida, restos de fogões e vestígios de sementes de amendoim, feijão, além de cabaças inteiras ou quebradas. Os enterramentos ocupavam uma depressão na rocha que forma a base do sítio e todos estavam em um mesmo nível, o que nos autoriza a trabalhar a hipótese de que eram contemporâneos e obra de um mesmo povo, apesar das diferenças evidentes. Este fato pode portanto significar que havia ritos funerários diferentes dentro de uma mesma sociedade e essa diferença pode ser o reflexo de classes de idade ou mesmo de uma estratificação social.

Alguns dos sepultamentos em urnas eram secundários: os ossos longos, costelas e vértebras foram arrumados dentro da urna e sobre eles, em posição vertical, o crânio. As urnas eram fechadas com tampas feitas de vasilhas de cerâmica ou cabaças colocadas diretamente sobre o crânio.

Os sepultamentos na terra eram também variados; eram primários, tendo o corpo sido colocado em posição fetal, eitado em decúbito lateral ou sentado. O que interessa mais é que mesmo nestes casos de sepultamentos primários, o corpo estando em conexão anatômica, encontramos a cabeça separada do mesmo, colocada em posição vertical sobre a fossa, algumas vezes separada do corpo por uma camada de sedimento de 15 a 20 cm de espessura. Nestes casos também as cabeças eram cobertas, mas sempre com cabaças.

Em três enterramentos encontrou-se, junto ao corpo, restos de uma sacola tecida, de fibra de caroá.

No abrigo Toca do Arapuá do Congo, foram encontrados também sepultamentos, em urna e na terra, e os padrões repetem os da Toca do Congo I.

No sítio Toca do Pinga do Boi, a sondagem permitiu a descoberta de uma mão de pilão, o que é um indício da prática da agricultura.

\* Pesquisa realizada com o auxílio do CNPq e do Ministério das Relações Exteriores da França.

Não dispomos ainda de nenhum achado que permita ligar as sociedades agricultores e/ou ceramistas do sudeste do Piauí com alguma das tradições de arte rupestre da região.

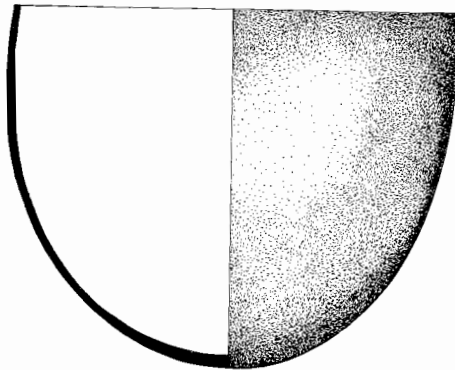
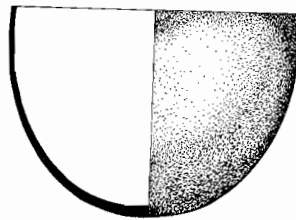
As datações de que dispomos para estes sítios:

- Toca do Pinga do Boi:  
3.320 ± 60 anos BP (GIF 7607)  
3.010 ± 60 anos BP (GIF 7606)
- Toca do Morcego:  
2.840 ± 100 anos BP (GIF 5404)
- Toca do Congo I:  
2.090 ± 110 anos BP (GIF 3223)
- Aldeia da Queimada Nova;  
1.690 ± 110 anos BP (GIF 3225)
- Toca do Pitombf:  
420 ± 50 anos BP (GIF 6437)

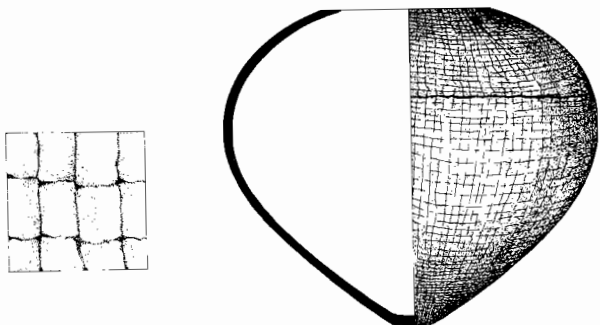
Os trabalhos, que prosseguirão em ritmo acelerado, permitirão completar o quadro cronológico e cultural do Holoceno recente da área de São Raimundo Nonato.

### BIBLIOGRAFIA

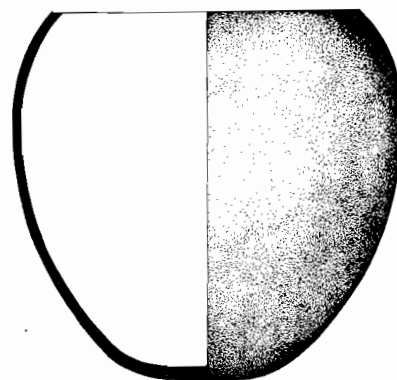
- GUIDON, N. 1978: **Peintures rupestres de Várzea Grande, Piauí, Brasil**, nº 2. Microfichas, R 78832195, Institut d'Ethnologie, Paris.
- MARANCA, S. 1976a: A Toca do Congo I: Um abrigo com sepultamento no Estado do Piauí. **Revista do Museu Paulista**, Nova Série, vol. XXIII, São Paulo, pp. 155/173.
- 1976b: Estudo do sítio Aldeia da Queimada Nova, Estado do Piauí, **Revista do Museu Paulista**, Série de Arqueologia, vol. 3, Museu Paulista da USP, São Paulo, 102 p.
- 1977: Considerações gerais sobre a distribuição da indústria lítica e cerâmica do Sítio Aldeia da Queimada Nova, Estado do Piauí, **Revista do Museu Paulista**, Nova Série, vol. XXIV, São Paulo, pp. 199/211.
- MARANCA, S. e MEGGERS, B.J. 1980: Uma reconstituição de organização social baseada na distribuição de tipos de cerâmica num sítio de habitação da tradição tupiguarani. **Pesquisas Antropologia nº 31. Estudos de arqueologia e pré-história brasileira**. São Leopoldo.
- VILHENA DE MORAIS, A. 1976: A indústria lítica do sítio Aldeia da Queimada Nova, Município de São Raimundo Nonato, Piauí. **Revista do Museu Paulista**, Nova Série, vol. XXIII, São Paulo.



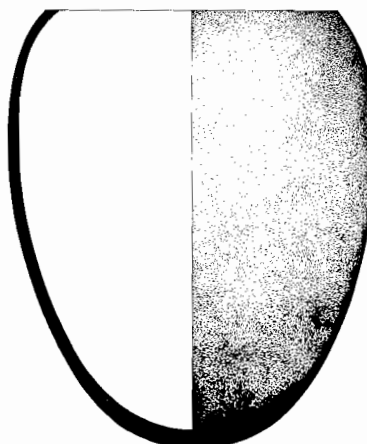
TOCA DO GONGO



TOCA DO GONGO I



SAO BRAZ



**Prof. Adauto de Araújo:**

Quanto a questão do nomadismo e sedentarismo, existe uma teoria em parasitologia com relação às pulgas. Nenhum parente próximo do homem ou chimpanzé ou gorila e nem tão pouco os caçadores-coletores da África são parasitados pela pulga, isto porque eles não se fixam em determinado ponto e a pulga precisa fazer um ciclo no solo para depois voltar ao hospedeiro. O homem só adquire a pulga a partir do momento em que ele começou a se fixar em cavernas, abrigos ou sítios semelhantes, de modo que seria interessante se você, nas suas escavações, observasse uns pontinhos pretos e pudesse encontrar a pulga. Lembrei-me de outra coisa quando você estava falando da cabaça, do pote para armazenamento de água, mas poderia ser a cabaça ou então, como essas tribos de caçadores-coletores da África, os Kung, que não usam nenhum pote para guardar água, usam simplesmente melancia.

**Prof. Ondemar Dias:**

Mas há duas observações pequenas que apresento como contribuição: primeiro, nós já temos alguns indícios de que a cerâmica é mais antiga que 3000 anos, inclusive algumas datações; segundo, que cerâmica não é qualquer criança que faz, tem que ter muita especialização, cerâmica não existe na natureza, enquanto qualquer lítico você acha na natureza. A cerâmica não, ela não se encontra na natureza, você tem que achar o plástico, o anti-plástico, misturar argila, queimar, tem uma técnica complexa, é difícil dar a forma, o método de fabricação, a espessura, a resistência, então, cerâmica do ponto de vista tecnológico, pode ser mais fácil de fazer para nós, mas em termos de conquista humana, ela é muito mais importante como a primeira transformação que o homem fez na natureza do que simplesmente pegar umas pedrinhas e lascar.

**Prof<sup>a</sup> Sílvia Maranca:**

Eu faço questão de responder ao Ondemar, porque acho que ele não entendeu o que eu disse. No Piauí, pelos dados de que

dispomos até agora, a cerâmica apareceu há cerca de 3.000 anos. Isso é portanto válido para o Piauí e não para todo o Brasil.

Disse que a matéria-prima para a cerâmica, sendo plástica, se deixa trabalhar mais facilmente. Não que não seja uma tarefa tecnologicamente complexa, mas simplesmente que, do momento em que se domina essa técnica, os acidentes e erros são mais raros. No caso da indústria lítica, mesmo que o homem pré-histórico domina a técnica, ele está à mercê de vários fatores:

- qualidade da matéria-prima;
- ação do intemperismo sobre a mesma;
- defeitos intrínsecos da matéria-prima.

Assim sendo, os tipos cerâmicos são mais constantes e formalizados que os tipos líticos, sobretudo quando se trata de indústria feita utilizando-se rochas pouco favoráveis ao lascamento.

**Prof<sup>a</sup> Maria Cristina Scatamacchia:**

Eu acho que é difícil fazer comparação entre tecnologia lítica e cerâmica, quando dizemos que a cerâmica tem uma tecnologia mais complexa, nos referimos a que quando se fabrica um instrumento lítico, você está subtraindo coisas da natureza, então você tem um grau de especialização, talvez menor.

**Prof<sup>a</sup> Sílvia Maranca:**

Visualmente, uma peça lítica contém um plano de percussão e lascamento que, se não é feito com uma determinada direção e num determinado ponto, dependendo também da matéria-prima, não sai como foi previsto. Os retoques são feitos com uma técnica específica, de acordo com a matéria-prima. Não se trabalha o quartzo e o quartzito como se trabalha o basalto e a calcedônia.

Um especialista em lítico, da Universidade de Berkeley, na Califórnia, com quem eu estive há uns 10 anos atrás, me dizia que o machado de pedra polida é considerado como a peça mais elaborada, mais perfeita, para se fazer, mas que a tecnologia do polimento é muito inferior, muito menor o conhecimento tecnológico do que é necessário para fazer um machado de pedra lascada e, no entanto, vejo o machado de pedra polida como uma evolução em termos de tipologia lítica.